



(DIOGO-CAÃO)



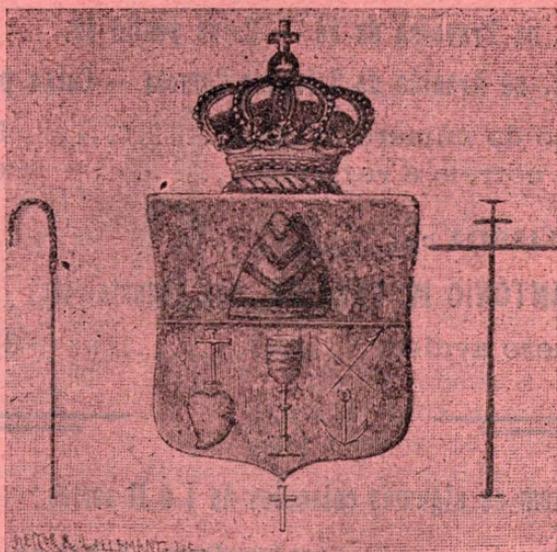
REVISTA ILUSTRADA

— DE —

ASSÚNTOS HISTÓRICOS ANGOLANOS

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECIONADOS —



— SUMÁRIO —

A ermida da Nazaret. — A batalha de Ambuíla. — O rei-de Congo
 d. António I. — Inéditos Coloniais. — O convento franciscano de
 S. José em Luanda. — As Guerras Angolanas. — Hercúlo-
 colonial. — Bibliografia. — Contratos & Orçamentos

TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES

— LISBOA — 1936 —

«DIOGO-CAÃO»

= CAIXA POSTAL 362 =

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR e PROPRIETÁRIO

PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e habilitado com o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista

Vende-se em LUANDA, nas livrarias:

MINERVA, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

Preço do número avulso 5,00

Pelo correio e registado..... 6,00

Em LISBOA na:

Parceria ANTÓNIO M. PEREIRA, Rua Augusta, 48.

Número avulso..... 3\$50

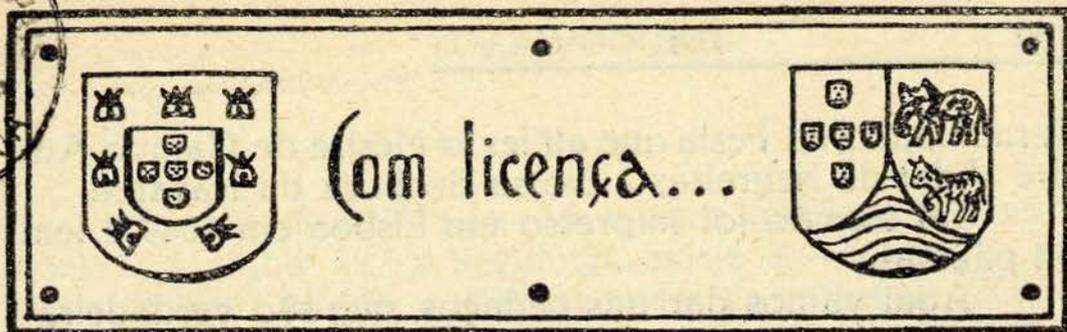
Vendem-se algumas colecções da I e II séries:

Cada uma das séries } em brochura 55\$00 ou 70,00
 } cartonada... 60\$00 ou 80,00

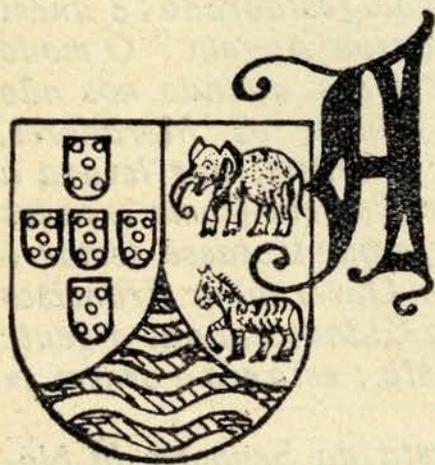
As assinaturas são pagas adiantadamente

Cada série de 10 números 30\$00 ou 50,00

(Recebemos Angolares)



O Governador André Vidal
de Negreiros e a sua grande
devoção religiosa à Se-
nhora da Nazaret.



A HISTÓRIA DO BRASIL E A de Angola registam nas suas páginas, com verdadeira honra e galhardo reconhecimento, o nome de **André Vidal de Negreiros**.

Exerceu o cargo de governador de Angola de 1661 a 1666.

Como sabem, a 29 de Outubro de 1665 travou-se a célebre batalha de Ambuíla.

Passamos a transcrever aqui a notícia e descrição que foram publicadas no *Mercúrio Português*, de Julho de 1666.

O governador Vidal de Negreiros tinha alta devoção à Senhora da Nazaret.

Na segunda oitava do Natal de 1648, prégou, na cerimónia da tarde, um sermão patriótico o muito R. P. Frei Bernardo de Braga, Dom Abade de S. Bento em

Pernambuco, na Festa que ali fez o Mestre-de-Campo André Vidal de Negreiras à Nossa Senhora da Nazaret.

Tal sermão foi impresso em Lisboa em 1649 e tem 32 páginas.

Aquí vamos dar uns pedaços, que são verdadeiramente significativos ou expressivos :

Página 13 — «*! Vedes este grande ajuntamento de fiéis, que concorrem à festa da Senhora da Nazaret?*

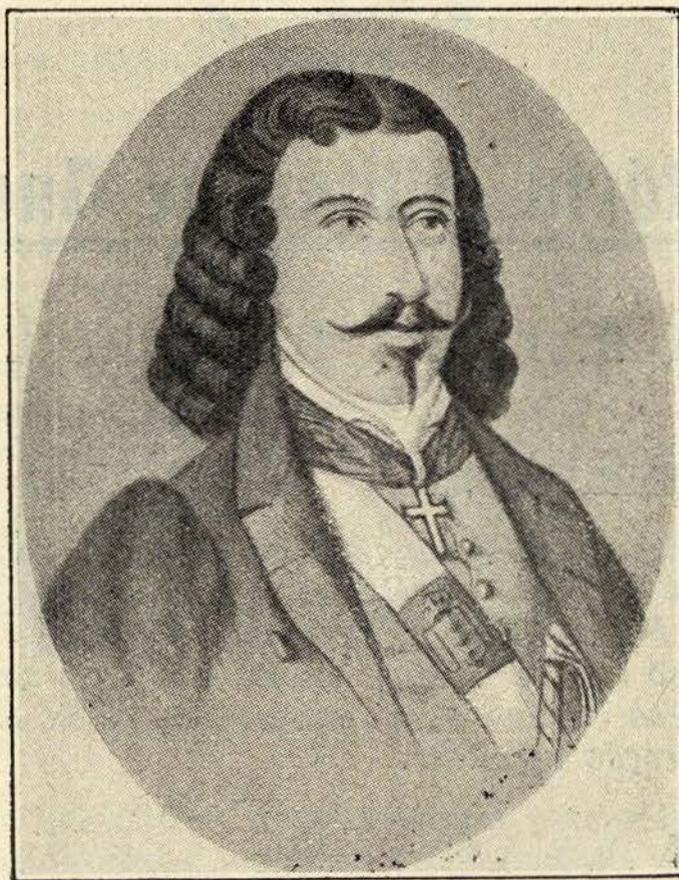
Pois todos vêm hoje instar, conformes, em uma petição da liberdade de Pernambuco que o Mestre-de-Campo André Vidal de Negreiros ofereceu há três anos na mão daquela Senhora (bem vedes a petição na mão da Virgem), insiste em sua petição há três anos o Juiz, e, para seguro do despacho, acode à paz geral do Sacramento representado no presépio de Belém, e à paz geral do verdadeiro sacramento da Eucaristia no presépio da Hóstia consagrada...»

Página 19 — «*Olhai para Angola restaurada; e quem restaurou Angola? e como se restaurou Angola? O modo foi de Deus e a restauração foi de Deus quando nós não iam restaurar Angola, senão animar os Moradores, agregá los, uní-los e sustentá-los; a ordem, que levava a Armada e o governador Salvador Correia (como a todos nós consta por relação da Baía), era que tratasse tomar o Cabo aonde tinha desembarcado o Governador Francisco de Souto Maior, e ali situasse uma Cidade, em que a gente encorporada conservasse a Conquista; esta era a ordem...»*

Página 26 — «*O Juiz da Festa da Senhora da Nazaret, o Mestre-de-Campo André Vidal de Negreiros, não se cança com o modo da restauração de Pernambuco; sacrifica, como vedes, na paz; peleja, como vistes nos Guararapes, no tempo de guerra; faz de sua parte o que pode e deixa a Deus o successo; há três anos que persevera em oferecer ao Eterno Padre o sacrificio de seu sacratissimo Filho exposto no Santissimo Sacramento, que estais adorando, já no presépio de Belém, e já no presépio do Augustissimo Sacramento ...»*

* * *

No *Museu Britânico*, no códice adicional número 20:953, à fôlha 227 e seguintes, existe a — *«Relação da mais gloriosa vitória que alcançaram as armas de El-Rei dom Afonso VI neste Reino de Angola, contra El-Rei de Congo, governando o Senhor André Vidal de Negreiros.»*



ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS, BRASILEIRO

Dão notícias dêste códice: — Cristóvão Aires, à página 24 do volume II do «Boletim da II classe» da Academia das Ciências de Lisboa, e o sr. Conde-de-Továr, à página 129 do seu «Catálogo dos Manuscritos Portugueses», existentes no Museu Britânico, publicado em 1932.

Lisboa. Março/1936.

Padre RUELA POMBO.



História Militar de Angola

A BATALHA DE AMBUÍLA

(29 de Outubro de 1665).

1 — Documento impresso

— «*Mercúrio Português com as novas do mês de Julho do ano de 1666.*» — *Refere-se a milagrosa vitória que as Armas Portuguesas alcançaram, nas partes de Angola, do poderoso Rei de Congo, que foi morto em uma batalha.* — *Biblioteca Nacional de Lisboa : Secção dos Reservados, 110, numeração vermelha.*

2 — Notícia

Neste mês (Julho) nos chegaram novas da grande e importante vitória que em Angola alcançaram as Armas Portuguesas do poderoso Rei de Congo, para que, em tôdas as partes do mundo, experimentemos os particulares favores do Céu.

Os Reis de Congo, desde o princípio do nosso descobrimento daquela parte da Etiópia em África, em que por nosso meio receberam, e grande parte de seus Estádos, a Fé de Cristo, em honra do mesmo Senhor e glória da Nação Portuguesa; contraíram com nossos Reis amizade tam estreita,

continuada até nossos tempos, que além de assistir na sua Côrte de Sam-Salvador a Sé Episcopal com suas dignidades, Cónegos, e mais Cabido (posto que o Bispo residia ordinariamente na nossa cidade de Luanda) imitavam no temporal muitas cousas do nosso govêrno, e ainda nos títulos de Duques, Marquêses, Condes e os apelidos de Dom e outras circunstâncias.

3 — Durante a ocupação holandesa e após a reconquista

Quando os Holandeses, em 1641, tomaram a dita nossa Cidade de Luanda, o Rei, que reinava em Congo, ou pela variedade natural daquelas gentes, ou por seguir o vencedor, como também fazem muitos Brancos, se acostou à parte de Holanda, e nos fez obras muito perversas.

Logo em 1648, restaurámos aquela perda e se tornou El-Rei de Congo a congraçar connosco, desculpando-se do passado com algumas razões que os nossos Governadores de Angola não queriam admitir, mas o dito Senhor Rei, por sua benignidade, lhe aceitou, por lhe não fazer guerra, lembrando-se da boa correspondência de seus passados.

4 — Intriga de missionários espanhóis

Tanto que El-Rei de Castela, ou, para melhor dizer, seus Ministros, viu que, com a expulsão dos Holandeses, tínhamos franqueado a porta, como de antes, para entrarem Prêgadores Evangélicos naquelas Províncias, usando como costuma dos pretextos de Religião para seus interêsses; — enviou a Congo Religiosos Italianos de certa Ordem benévola e qualificada, que se não nomeia por não se macular com a memória de que teve tais filhos, os quais facilmente persuadiram o Rei mal reconciliado a que não se fiasse dos Portugueses, antes se segurasse com novos amigos.

Também soube isto El Rei dom João e se contentou com impedir que Religiosos da dita nação passassem àquelas partes, permitindo contudo que fôsem de outras, e tornou a

aceitar as cartas de negação e satisfação que o Rei de Congo lhe ofereceu.

Mais de próximo se soube que em Madrid se falara em se enviarem alguns navios às ditas partes com alguma confiança no dito Rei. Mandou-se de Portugal prevenção e não foi adiante aquela prática.

5 — O ódio do Rei-de-Congo contra os Portugueses

Finalmente, não sossegando em El-Rei de Congo o ódio contra os Portugueses, nascido de sua má natureza, que chegou a matar seu irmão maior e a trazer cativos seus filhos para usurpar o Reino, foi atraído ao intento de nessa ruína muitos senhores poderosos seus vassallos; e, porque não pôde perverter a um chamado Manivando, o quis destruir com alguns pretextos, e no mesmo tempo com outros semelhantes ameaçou com guerra à dona Isabel, Regente das terras de Ambuíla, vassala de Portugal.

Pedi a dona Isabel protecção ao nosso Governador de Angola André Vidal de Negreiros; e o mesmo fez Manivando, oferecendo juntamente favor para se descobrirem certas minas que, há muitos tempos, se diz estarem nas suas terras; das quais El-Rei de Congo dom Alvaro e outros Reis fizeram doação a Portugal; mas não se buscaram até agora, porque os Reis, que lhe sucederam, o impediram com trâças, por ciúmes de que, achando-se, quereríamos ser senhores absolutos daquelas terras.

6 — Preparação do exército português

Era obrigação socorrer os amigos e amparar os vassallos; e convinha ao serviço de El-Rei nosso Senhor procurar as minas; para ambos os efeitos, ordenou o Governador ao tenente-general da guerra Luís Lopes de Siqueira que ajuntasse alguma gente enquanto o capitão-mór Diogo Gomes de Moraes preparava o mais necessário, o que não pôde fazer por lhe sobrevir uma doença de que faleceu.

O Rei de Congo com alguma notícia começou a ferver ; o Governador por cartas, por via do Cabido e de Religiosos, o quis segurar, protestando que não tinha a menor imaginação de ofender sua amizade, só tratava de descobrir as minas, para o que antes lhe pedia favor devido de justiça, conforme a doação de seus predecessores ; ordenou a Luís Lopes de Siqueira que se encaminhasse às minas pelas terras da dita Regente de Ambuíla, nossa vassala, para poder socorrê-la como pedia, em caso que lhe fôsse necessário ; e que por nenhum modo prejudicasse, antes fizesse tôda a boa passagem às cousas de El-Rei de Congo, não dando êle causa muito grande ao contrário.

7 — A loucura dos pretos

○ Rei, com nenhuma cousa satisfeito, se fez muitos dos seus lhe aconselharem o que mais lhe convinha, se resolveu em fazer-nos guerra declarada, com tanta fereza que dizia que havia de chegar os Portugueses a estado de o trazerem sôbre os ombros ; e profetizou sem o entender, como logo diremos. E passou um largo mandádo a modo de manifesto, na substância seguinte, que os curiosos folgarão de ver :

— «Dom António, o primeiro do nome, por divina graça, aumentador da Conversão de Fé de Jesus Cristo, Defensor dela nestas pártes da Etiópia, Rei do antiquíssimo Reino de Congo, Angola, Matamba, Veangá, Cundi, Lulha e Sonio, Senhor dos Ambundos e dos Matambulas, que se interpretam homens mortos e ressuscitados, e de outros muitos Reinos e Senhorios a êles comarcãos dàquém e dâlém e do mui espantosíssimo rio Zaire, suas márgens e águas vertentes, e de tôda a costa do mar salgado e suas praias, etc.

Ouvi o mandádo que mandou o Rei assentado no Trono do supremo Conselho de guerra : que tôda a pessoa de qualquer qualidade que seja, fidalgo ou mecânico, pobre ou rico, capaz de poder menear armas ofensivas em tôdas as vilas, cidades e logares de todos os meus Reinos, Províncias e Senhorios, se vão logo nos primeiros proximos dez dias, depois de lançado êste prêgão e bando real, alistar a seus Capitães, Governadores, Duques, Condes, Marqueses, e mais Justiças e Officiais a êles presidentes, para que feita a resenha, e pas

sada a mostra de suas pessoas, armas, adargas e terçados, estejam, cada qual com o poder de sua jurisdição, prestes para se incorporarem com os Generais das armas que da presença da pessoa Real saírem a defender nossas terras, fazendas, filhos e mulheres e nossas próprias vidas e liberdades, de que a nação Portuguesa se quere empossar, e senhorear.» —

E continuava com uma larga oração, demasiada para se trasladar aqui ; e acabava :

— «Não queirais desamparar o vosso Rei e Senhor da guerra aonde há de ser convosco para premiar a quem bem o fizer e castigar os cobardes que forem traidores. Dado e passado nesta Côrte de Congo, Cidade de Sam-Salvador, no Tribunal do estrondo da guerra, perante os do supremo Conselho, pelo Secretário menor dom Rafael Afonso de Ataíde, Gentilhomem, como Cedro do Môte Libano, por mandado do Secretário maior da Puridade dom Calistro Sebastião Castelobranco, lágrimas da Madalena ao pé da Cruz do Môte-Calvário, os 13 de Julho de 1665.» —

Assinado — Rei — e logo abaixo os seguintes :

— «Dom Geraldo Zilote, Manuel Arrependimento de S. Pedro, no côncavo da terra Justiça maior, dom Cristóvão de Aragão dos Vieiras, da feliz memória, Justiça menor do Presidente dom Miguel Tércio, pêlo de três altos para borseguins que cobrem os pés de El-Rei meu Senhor.» —

Os noticiosos de algumas ridículas submissões com que os Reis de África e Ásia são venerados pelos seus vassallos, posto que políticos, não acharão novidade no sobrenome com que este dom Miguel se assina ; o assinarem-se os outros 'ágrimas da Madalena e arrependimento de S. Pedro — é costume que alguns destes Monicongos têm de se assinarem com o passo da Escritura ou Santo de que se professam devotos.

8 — O encôntro ou batálha

Marchava Luís Lopes de Siqueira pelas terras de Ambuíla com 360 Portugueses e 6 ou 7 mil negros vassallos nossos, e duas peças de campanha, quando teve notícia que El-Rei de Congo, 80 léguas de sua Côrte, o vinha buscar pessoalmente com grande exército, e, em **29 de Ou-**

tubro do ano passado de 1665, às nove horas da manhã, se avistou a vanguarda que constava de mais de 20.000 negros, governados pelos Duque de Bamba e Marquês de Pemba. Saíram-lhe três companhias, uma de Portugueses, soldados que foram na famosa guerra de Pernambuco, e duas de filhos da terra, bem exercitados na milícia daquelas partes; foram derrotados os inimigos, não se pode dizer como, porque, ainda que os nossos procederam com o sumo do valor, nenhum humano parece que fôra bastante contra número tam desigual, e que pelejou com tanta pertinácia que foram mortos os ditos Duque e Marquês, com outros muitos dos principais; deve-se atribuir a particular auxílio daquele Rei dos Exércitos que nos 300 soldados de Gedeão deu vitória contra infinito número de Madianitas.

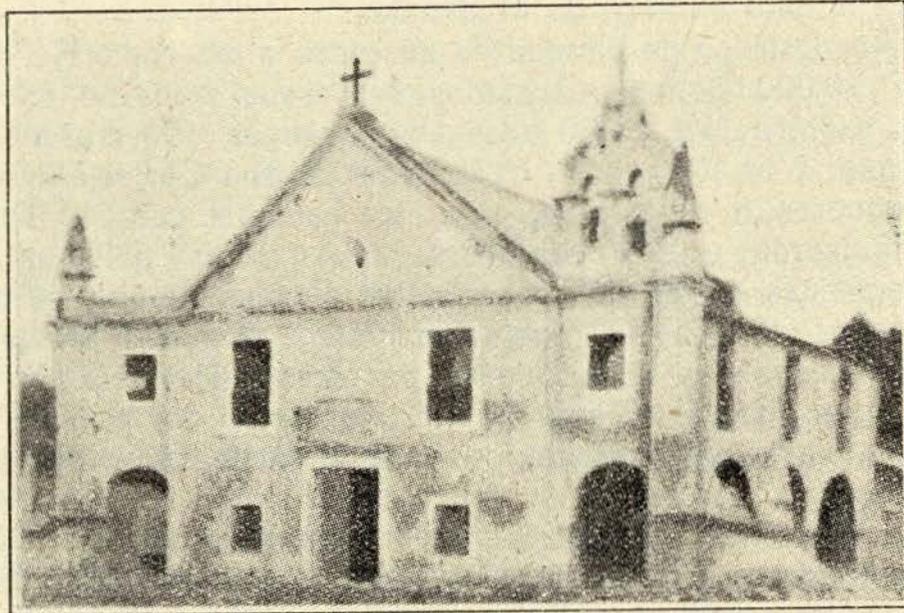
Ao destroço da vanguarda apressou a marcha o Rei com quási 70.000 homens, armados com seus arcos ao uso da terra, e entre êles 1.000 adargas e alfanges, 190 mosqueteiros (que já os têm) todos os mulatos da sua Côrte, filhos de Portugueses e de negras, que êles estimam como o Turco aos Janízaros; e 29 Portugueses que o serviam, por moradores em suas terras. E por começar a chover muito, se quis aproveitar da ocasião, que fazia inúteis as nossas armas de fogo, investiu-nos furiosamente por três partes, êle por um lado que governava, um Capitão escolhido por outro, e no meio o corpo do exército, procurando assim cingir-nos com um cordão.

À vista de tanto podêr, nos desampararam logo 4.000 dos nos nossos negros; mas os 360 Portugueses, náda desanimados, tomaram por nome e Protectora Nossa Senhora da Nazaret, e, elegendo um sítio de alguma vantagem, pelejaram 9 horas admiravelmente; obravam os inimigos com grande valor, mas à vontade do Céu náda resiste. O Rei, igual ao Capitão mais valente, que conheceram as idades, andava diante de todos com terçado e adarga, exortando com as palavras e com exemplo; até que se viu cair morto na maior confusão da batalha, achando-se já os nossos quási rendidos; uns dizem que de golpe de espada, outros de uma das peças de campanha, que nas seis horas dispararam vinte e três tiros com balas miúdas, fazendo grande dano naquela multidão; e logo se lhe cortou a cabeça. Faltos do Rei, se puseram os

seus em fúgida ; e os 2.000 negros, que nos ficaram, como mais ligeiros nos passos da terra, foram matando no alcãnce até à noite mais de 5.000 ; dos Portugueses foram feridos sós doze, um mortalmente ; dos nossos negros morreram 24 e foram 150 feridos.

9 — O espólio real

Trazia o Rei grande carruagem, em que deixou despojos muito ricos : dois caixões de pano de grande valor, que chamam bondos e cumbes, de que se vestem os Reis



LUANDA — ERMIDA DA NAZARET

e Senhores ; 12 caixões de brocados e sedas, damascos e veludos ; 2 contadores, cheios de jóias, cadeias, e outras peças de ouro muito preciosas, tudo isto seu ; além dos vestidos e roupas dos seus grandes que o acompanhavam, de que morreram 98 Titulares, cujos nomes se referem na relação que se enviou a El-Rei nosso Senhor, e, por escusar prolixidade, se não referem nesta ; e mais de 400 fidalgos de outra nobreza.

Fizeram prisioneiros um filho bastardo do mesmo Rei e dois também bastardos do irmão mais velho, que êle matou para reinar, todos de pouca idade, e êste trazia consigo, porque não se levantassem em sua ausência; e o seu Camareiro e Valido, principal Ministro do Reino.

A nôva desta vitória foi festejada na nossa cidade de Luanda com repiques dos sinos, três dias de luminárias e uma encamisada dos moradores, em tôdas as Igrejas se cantou o *Te Deum*; e na Igreja Maior se fez uma procissão de graças, houve exposto o Senhor, Sermão e Missa solene.

10 -- A cabeça do Rei-de-Congo

Em um sábado, 5 de Dezembro, entrou na Cidade a cabeça do Rei de Congo e a sua Coroa imperial de prata dourada com pedraria e um bordão forrado de veludo com pregaria de prata, e no remáte um castelo com Imagens de Santos, e um barrete que lhe servia de gôrra, tecido de fio de ouro e prata; e, em companhia disto, os Ministros prisioneiros.

A cabeça, reconhecida por testemunhas ser a mesma, se meteu em um cofre forrado de veludo carmesim; e por fóra de tabi preto guarnecido de renda de ouro e prata, com chave que ficou ao Governador, e depositou-se na Igreja da Misericórdia sôbre um túmulo de 4 degraus, e dobraram tôda aquela noite todos os sinos da Cidade.

11 -- Hônras fúnebres

No dia seguinte, domingo, dia 6 do dito mês de Dezembro, das 3 para as 4 horas da tarde, se meteu o dito cofre na tumba da Misericórdia, e acompanhado da sua Irmandade, com todos os Religiosos, Clérigos, Confrarias, e Nobreza da cidade, e também da Infantaria e Officiais de guerra, com suas caixas destemperadas, ardendo muita cêra, caminhou até à Praia, aonde estavam muitas embarcações, e em uma delas um bufete coberto com uma alcatifa, e por cima um pano de damasco preto, sôbre que se pôs o cofre, repetindo-se ali os Responsos, que se disseram à saída da Misericórdia, com solenidade de música.

12 — Na Ermida da Nazaret

Meteram-se nesta embarcação os Religiosos e Clérigos que nela couberam; o Governador em outra, e as mais se encheram de outros seculares; a Infantaria com muito povo marchou por terra; e assim foi tudo até á porta da Ermida de Nossa Senhora da Nazaret (que, como dissemos, foi invocada para a vitória), a qual ermida o mesmo governador André Vidal fabricou à sua custa por devoção; e ali o Tenente-General e o Sargento-Mór pegaram no cofre, e em companhia dos Religiosos o meteram na Igreja e o puseram sôbre um túmulo de 4 degraus, bem preparado; cantou-se o Officio do entêrro e, acabado, os mesmos Tenente-General e Sargento-Mór o levaram à sepultura, junto do Altar da parte da Epístola; tornou-se a abrir e se tornou a justificar ser aquella a cabeça do Rei; mostrou-se ao povo, e, fechada, se entregou a chave ao governador; deu a Infantaria três cargas; disparou o fôrte de S. Miguel onze péças; e logo o governador tomou a Coroa e, subindo pelas escadas do Altar-Mór, a colocou aos pés de Nossa Senhora, como tributo dêste triunfo que nos deu.

Êste fim teve aquele Rei mal aconselhado, colhendo o fruto das persuasões de Castela. Dos efeitos, que produzirá esta vitória, não temos ainda noticia; espera-se que sejam muito consideráveis; DEUS ordene que sejam para seu serviço.



7-Inéditos Coloniais - 7

Nas Bibliotecas & Arquivos Portugueses, há séculos, dormem um sono quási ininterrupto, se não centenas, dezenas de **Manuscritos** de altíssimo valor colonial: política ou civilização, comércio e economia, variedade de povos, costumes ou etnografia — com isto tudo depara o Leitor nestas páginas ou fôlhas de almanaque, que estamos já a imprimir.

A modesta empresa da revistinha **Diogo-Caão**, sempre corajosa e sem temer dificuldades próximas ou remotas, ela vai meter ombros corajosos à sua publicação, com uma finalidade, além de cultural, nacionalista, na boa aceção política do termo.

Impressos e vulgarizados estes interessantíssimos textos, será tarefa fácil e agradável não só anotá-los e compará-los, como também escrever, com tam verdadeiro e próprio material, qualquer outra espécie de dissertação filosófica sobre a prioridade e eficácia e humanidade da Colonização Portuguesa em Terras da Africa Ocidental, através do tempo e destas pá-

ginas de instrutiva História, não fantástica, mas positiva ou documentada.

Já temos, preparados, os seguintes inéditos coloniais, cujas amostras vamos espalhar :

Série A — sobre :

CABO-VERDE E GUINÉ

I — *Descrição da Costa-de-Guiné, desde o Cabo-Verde até à Serra-Leoa* — por Francisco de Azevedo Coelho — 1669. — Preço, 10\$00.

II — *Descrição da Costa-de-Guiné. — Roteiro comercial e religioso de portos e rios* — por Francisco de Lemos — 1684. — Preço, 10\$00.

III — *Notícia Corográfica e Cronológica do Bispado de Cabo-Verde* — por um Leal Vassalho de Sua Majestade — 1784. — Preço, 10\$00.

*

Para os Assinantes ou Subscritores, o preço destas 3 obras sobre Cabo-Verde e Guiné, encadernadas, é 25\$00.

*

Série B — sobre :

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

.

Série C — sobre :

ANGOLA

I — *História das Guerras Angolanas* — I t^omo — por António de Oliveira de Cadornega — 1680.

II — Idem — II t^omo.

III — Idem — III t^omo — 1681. — Preço, 35\$00.

O III t^omo das *Guerras Angolanas* terá pelo menos 320 páginas, e o seu preço, para os Srs. Assinantes ou Subscritores, encadernado, é 30\$00.

Na verdade, êste III t^omo é o mais curioso de todos, pois tem, com fartura e variedade, informações geográficas, topográficas, económicas, militares, religiosas, hidrográficas, agrícolas e etnográficas de t^oda a Angoia.

Eis um resumo, feito pelo próprio Autor:

— «... e o III t^omo será de mais g^osto ao Curioso Leitor pela diversidade de cousas, em que o Autor dará notícia de algumas cousas singulares e de admiração, que em si encerram estas partes tam remotas desta adusta Etiópia Occidental, descrevendo algumas extravagâncias de alguns rios notáveis, e monstruosidades de animais creados em suas margens e dentro de suas águas ; o que comprehende a cidade de S. Paulo da Assunção, que, da Restauração para cá, se esqueceu o apelido de Luanda ; a sua grandeza e comarca, como

também as Fortalezas e Presídios da Conquista, as suas Capitánias e Lotações de seus numerosos Sobas ou fidalgos vasallos de sua Alteza...»

De facto, Cadornega não exagera o que diz, pois dá cõnta, e bem, de tudo o que escreve.

Pinta as margens do Quanza com tanta naturalidade, os palmares, os arimos, os monstros aquáticos e terrestres!!!...

*

As páginas, velhas e antigas, mas sempre viçosas, destes *Inéditos Coloniais* têm perpétua vantagem não só para tôdas as Autoridades Administrativas, como também para médicos, missionários, agricultores, comerciantes, professores, marinheiros e mais... sábios de qualquer qualidade: podem crer, caros, e tambem cacos, **Leitores**.

Lisboa. Março/1936.

Padre RUELA POMBO.



Por ANTÓNIO DE OLIVEIRA DE CADORNEGA

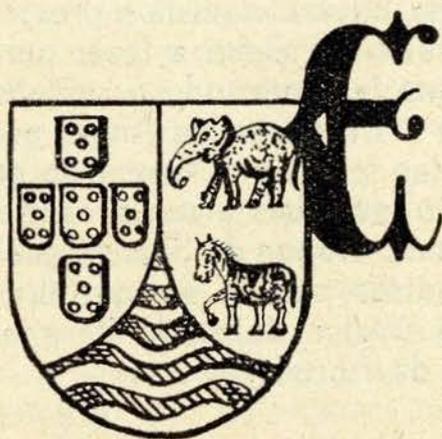
PRIMEIRA PÁRTE

(Continuação da pág. 138)

Capítulo sétimo

O governador dom Manuel Pereira Forjás —
Bento Banha Cardoso. — A feira real do
Lumbo. — Guerra aos Dembos. — António
Gonçalves Pita.

46. A morte do governador Pereira Forjás — P. P.



E M A ÉRA DE 1614, VEIO DES-
pachado por governador e capi-
tão geral destes reinos d. Manuel
Pereira Forjás, o qual, assistin-
do em Luanda, que neste tempo
tinha já nome de cidade, sendo
cabeça destes Reinos, mandou
fazer guerra no Serião por seu
capitão, que então era do Reino
por sua Majestade — Bento
Banha Cardoso, o qual, por ser

conquistador antigo e inteligente das cousas do sertão, — fez muitas emprêsas e foi ampliando a Conquista, como consta de alguns papéis antigos ; e, como durasse pouco no Govêrno pessoa de tanta qualidade e fidalguia, de quem se esperavam muitos assertos, atalhou tudo a morte, sendo muito de repente cansado de ser pouco regrado, e foi sepultado em esta cidade de Luanda, em a Igreja Matriz dela ; e, como se achava Bento Banha Cardoso capitão-mór do Reino por el-rei e ser pessoa de muitas partes e merecimentos, foi nesta vagante eleito Governador dêstes Reinos, o qual, tendo tomado posse na éra de 1615, se pôs logo em campo, acompanhado do seu capitão-mór da guerra — Pero de Sousa, pessoa nobre e de valor, cavaleiro fidalgo da Casa de sua Majestade, conquistador dos mais antigos.

47. Emprêsas do governador Bento Banha Cardoso — *P. P.*

A primeira emprêsa, em que se ocupou Bento Banha Cardoso, foi em ir contra os sobas da Província do Lumbo, que impediam a Feira Real de peças que era cousa naquele tempo de muita importância ao Comércio, com os quais sobas teve muitas batalhas e recontros, com mortes de muitos daqueles inimigos, não deixando de haver perda de gente portuguesa da nossa parte, deixando tudo à obediência da Coroa de Portugal, de que ainda estão com a vassalagem do Príncipe Nosso Senhor.

E para segurança daquela tam importante Feira, e que ficassem sofreados os sobas daquela nova conquista e província do Lumbo, deu ordem o Governador eleito a fazer uma fortaleza em sítio conveniente, o que fez com todo o cuidado e diligência, a que pôs por nome a Fortaleza de Anjo, por ser o nome do soba senhor daquelas terras e a invocação de S. Bento, onde deixou por capitão-mór dela a um espanhol nobre e conquistador antigo por nome Roque de Sam-Miguel, que tinha já sido ocupado em outros póstos, em que tudo havia obrado com muita satisfação e valor, deixando-lhe a infantaria necessária para guarnição da Fortaleza.

48. Castigo aplicado aos Dembos — P. P.

Havendo posto o Governador Bento Banha Cardoso aquelas cousas em boa forma, como de seu grande talento se esperava, lhe veio aviso como um soba dos Dembos, por nome Nâmbua-Angongo, alevantado de el-rei de Congo, que então se chamava seu vassalo, e agora o é do Príncipe Nosso Senhor, vinha descendo com quarenta, ou mais, mil combatentes, tudo gente de guerra; havia dado em muitos sobas nossos vassallos e os ia avassalando a si, e impedia e cortava o sustento que vinha à cidade de S. Paulo de Luanda, de que ela se sustentava, em razão dos mantimentos para seus habibantes e gente forasteira, de que estava já em apêrto, em razão da opressão dêste poderoso; e, achando-se o Governador na Conquista, foi logo marchando com seu capitão-mór e mais cabos à sua opposição, indo dando guerra e castigando os sobas que voluntariamente, sem opressão daquele inimigo, tinham sido rebeldes; com a nôva, que teve, em como vinha marchando o nosso Governador com seu exército, e o que vinha fazendo e dando castigo àqueles que êle cuidava tinha já por seus vassallos, — bastaram estas notícias para se desfazer o seu podêr e o dito Nâmbua-Angongo se retirar para suas terras mais que de passo, não querendo experimentar o valor do braço português, que haviam já experimentado aqueles que êle tinha já por seus tributários.

Com esta diligência e presteza, com que o Governador acudiu àquela opposição, se evitou um notável dano, que ia causando aquele poderoso Dembo, e de potentado se podia chamar pela soberania de seu trato, tendo insígnias régias como são os pungis de marfim, que se avalia como trombetas bastardas, e os capopos que são como atabales, que por isso disse o Espanhol — *que la buena diligencia es madre de la buena ventura.*

Fez outras emprêsas o nosso antigo Conquistador, que foi dar guerra a um soba poderoso chamado Dumbo-Apebo, que neste tempo é da lotação da nossa fortaleza de Cambambe, e o mesmo fez às Pedras de Mapumbo e aos fidalgos senhores delas, que, para se haver de especificar cada uma ocasião destas de por si, houvera mister uma grande escritura, pelo

grande valor com que nelas se houve, dispondo tudo como tam dextro e experimentado soldádo, em que os nossos valerosos Portugueses fizeram grandes proezas, pelejando tam conuinuamente com tanta imensidade de inimigos, tam dextros e experimentados nas armas.

Compostas tôdas as cousas da Conquista dêste Reino de Angola, desassombrada a cidade de Luanda da opressão do Dembo, castigados e avassalados muitos sobas à Coroa de Portugal, e o mais que antecedentemente obrou como tam noticioso das cousas de guerra, havendo dispostas muitas cousas necessárias ao Real Serviço — se recolheu à Cidade êste valeroso conquistador e governador eleito, do qual ao deante havemos de falar, porque de presente cede o govêrno dêstes Reinos a quem lhe vem a suceder por ordem Real, que é António Gonçalves Pita.

49. O governador António Gonçalves Pita ordena a conquista da belicosa Quiçama — *P. P.*

Chegado que foi, despachado pela católica Majestade — António Gonçalves Pita — por governador e capitão geral destes Reinos, na éra de 1617, vindo com socôrro de gente e munições, para prosseguir a conquista dêste Reino de Angola, assim como desembarcou em terra no pôrto da cidade de Luanda que tomou posse do govêrno destes Reinos, preparado de todo o necessário, subiu logo para a Conquista pelo rio Quanza acima, guarnecendo, de caminho, do necessário a nossa fortaleza de Muxima, sita na província de Quiçama, como dito é.

Foi dali fazendo sua viagem à vila da Vitória de Maçangano, praça de armas da conquista e dali foi provendo as mais Fortalezas do necessário a suas defensas, e, por estarem os sobas da província da Quiçama desaforados, fazendo aos Portugueses tomadias na passagem e navegação do rio Quanza, recolhendo os escravos em suas terras, esquecidos dos açôutes passados, — ordenou o Governador ao capitão mór do Reino Bento Banha Cardoso que, se tinha cedido o bastão do Governo, o não havia feito ao de capitão-mór, fôsse com todo o poder, que havia, a dar a entender aos quiça-

mas: não faltavam ainda mãos para castigar seus desaforos, o que o capitão-mór pôs por obra, levando consigo bons cabos e esforçados capitães, que êle muito bem conhecia o para quanto prestavam, pois haviam militado em sua companhia debaixo de suas ordens.

Passado que teve o seu exército o rio Quanza, começou a fazer cruel guerra àquela belicosa província da Quiçama como quem sabia, havia muito tempo, aquele país, onde começou a ter travadas pelejas e escaramuças, sendo as mais aperçadas que naquela província e mais conquista haviam até então tido, em que se assinalaram muitos esforçados soldados, principalmente a gente de a cavalo, tirando muitas cabeças aos inimigos, trazendo-as ao capitão mór, e ele também por seu braço empreendia as mesmas facções, governando tudo com muito acôrdo e disposição, derramando muito sangue inimigo, e da parte dos Portugueses também tinham o seu quinhão, porque se haviam com a mais belicosa gente que há em todos êstes Reinos, e se podem muito bem comparar com as guerras africanas, que não eram menos esforçados êstes gentios do que aqueles mouros, e houve negro quiçama tam valeroso e temerário que, passado de uma lança de um soldado de a cavalo, veio assim passado pela lança acima com uma faca na mão para ofender ao cavaleiro e o conseguiria a não lhe faltar a vida primeiro.

Tendo havido muitas batalhas e recontros de guerra, veio aquele numeroso e valeroso gentio a amainar de sua fúria, vendo que não nos podiam vencer em companhia; se recolheram, mal do seu grado, ao sagrado, que são os seus dilatados e espessos matos, apelidando-se alguns por vassallos e filhos de Mueniputo, e tendo-se gastado nesta empresa e castigo muito tempo, estando já o nosso exército falto de todo o necessário, tendo sofrido muitos trabalhos e fomes por serviço de seu Príncipe.

Deixando aquela Província, na melhor forma se retirou o Capitão-mór com seu poder com toda a boa ordem, em que era bem dextro aquele cabo e capitão-mór do Reino.

Consta o referido de papéis antigos de Conquistadores, passados pelos Governadores com quem serviram, que, sendo necessário, mostrará o Autor desta História.

Foi dispendo o seu govêrno António Gonçalves Pita,

acudindo a tôdas as ocasiões de guerra por si e seu capitão-mór, castigando sobas alevantados, dando a tudo boa expediência até que lhe veio suceder no govêrno Luís Mendes de Vasconcelos, fidalgo de grande experiência pelo que havia militado em Flandres, em o tempo que assistiu naqueles países em aquela guerra viva dos Holandeses.

(Continúa).





L I S B O A

BIBLIOTECA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

(Manuscrito n.º 473, côr vermelha — 39 págs.)

MEMÓRIAS

DO

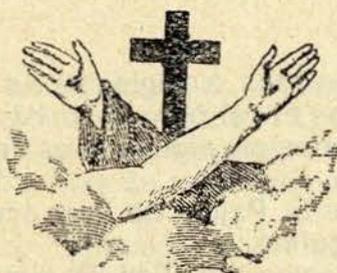
CONVENTO DE S. JOSÉ

DE

ANGOLA

por frei Vicente Salgado.

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 144)



O PADRE FREI JOÃO DA Esperança, missionário e residente em Cabo Verde, escrevendo ao Provincial e Definitório em 1638, lhe diz que àquela ilha tinham aportado na armáda, que passava ao Brasil, os Padres frei Mateus de S. Francisco, frei Aires de Mzgalhães e frei Belchior dos Reis, e que, estando todos doentes, o padre frei Belchior não escaparia, se os Religiosos, com grande cuidado, affecto e caridade, lhe não assistissem ²³.

²³ Cartório do Convento de Lisboa — Armário I, Casa I, Pasta I, número 12.

Contudo, em 1641, se achava em Lisboa êste padre e foi nomeado pelo Sr. Rei dom João IV (Pág. 21:) capelão-mór das Armadas Reais e Administrador Geral dos Exércitos do Brasil, avultando na presença do Soberano os relevantes serviços dêste Padre, que o nomeou em um Bispado ultramarino que não aceitou ²⁴.

As grandes inteligências dos negócios da América e o justo conceito que o Monarca Português fazia das virtudes e qualidades dêste Religioso — lhe fez encarregar dependências importantes no Brasil e Angola, aonde faleceu, com grande sentimento das pessoas distintas que o honravam, e dos Padres daquele Convento, aos 30 de Julho de 1658 ²⁵.

*

O espírito e zelo com que passou à Angola — o padre João da Madre de Deus, regendo aquela casa em observância, amado de seus súbditos, distinguido do Ex.^m Ordinário e do governador João Fernandes Vieira, — pede êste meu reconhecimento. Tendo adquirido (Pág. 22 :) bastantes luzes daquele Estado e suas dependências, assim das missões de Congo como no Dongo e Lubolo, recolheu ao Reino. As boas graças e exemplos dêste Religioso o fizeram não só aceito na Congregação, sendo eleito Ministro Provincial em 16 de Janeiro de 1666, mas também foi proposto à sua Majestade

²⁴ Frei Rafael de Jesus, no *Castrioto Lusitan*, à página 78 e n.º 44: — «Avultou tanto deante da Majestade de el-rei dom João IV o muito que serviu à Igreja e à Coroa, que o nomeou, alguns anos depois, em um Bispado ultramarino...»

²⁵ O Venerável Provincial frei Lúcio de S. Paulo, no livro impresso dos Óbitos, se explica da maneira seguinte:

— «Fr. Melchioris a Regibus Classis Regiae Sacrificii Maximi, et Administratoris Regni de Pernambuco, obiit Angola, episcopatu quodam ultramarino recusato.» — Deve ler-se a obra *Memórias Históricas e Apêndix II...*, do Sr. Bispo de Beja, e o Comentário dos Capelães-mores.

As notícias dêste e outros padres, que se encontram na lista dos Capelães-móres, serão publicadas lá mais na frente, em apêndice.

Trecho de Cenáculo: — «Dêste religioso frei Belchior dos Reis, que foi o V capelão-mór das Armadas Reais, desde 20 de Junho de

para Bispo da Igreja de Angola, instando também ao Soberano os padres e definitório da Ordem em uma proposta respeitosa dos seus serviços e merecimentos e empregos que muitos Religiosos desta Congregação desempenharam naquele Estado ²⁶.

*

Outros grandes serviços fez em Angola, quando ali foi prelado do Convento, o ex.^{mo} d. frei Francisco de Santo Agostinho, assim nas missões de Dande, Maçarigano e Calumbo, como no Convento, renovando totalmente a Igreja, sua capela-mór, com novos arcos, trono, côro, e mais oficinas, que tudo reduziu à melhor forma de architectura. Adquiriu para isto avultadas esmolas e um grande terreno na ilha do Rio Quanza, por doação em capela de dona Francisca da Silva, viúva em último matrimónio do sargento-mór Domingos Ribeiro.

Éstes e outros muitos serviços feitos à Igreja e ao Estado lhe mereceram, em 1698, a nomeação do lugar de (Pág. 23 :) capelão mór das Armadas Reais pelo Conde de-S. Vicente — Miguel Carlos de Távora, general da Armada, sendo depois vigilante e benemérito Bispo de Cabo-Verde em 1708. Era afável e estimado das gentes, ainda dos mesmos protestantes. brindando-o com a Cruz Peitoral e Anel, de que usava, o Ministro Schomber, plenipotenciário de Holanda.

1641 até 1654, ficam já ditas algumas espécies que lhe fazem honra. Renunciou um Bispado Ultramarino, como escreve o Autor do *Cas-trioto Lusitano*, e faleceu em Angola, em dependências da Coroa, com muitos anos de assinalados serviços em obséquio da Igreja e da Pátria...

O Obituario ou Necrológio dos Frades, publicado por frei Lúcio de S. Paulo, não existe nos catálogos da Biblioteca Nacional de Lisboa, nem nos da Academia de Ciências.

Frei Lúcio, segundo diz a *Biblioteca Lusitana*, faleceu a 20 de Abril de 1646, e o seu livro — *Obitus, seu Depositiones Fratrum defunctorum nostri Sacri Tertii Ordinis de Paenitentia*, foi impresso em 1638.

²⁶ Acha-se no Cartório de Lisboa uma cópia desta Proposta à sua Majestade, no Armario I, Casa VI, Pasta I, Número 1, Maço 2, Documento 2.

Estando regendo a sua Igreja, foi assaltado pelos inimigos da pátria, que apenas lhe deixaram o Breviário e as vestes sagradas, e, por mais instâncias que lhe faziam os seus bons amigos da Metrópole, êle não quis desamparar a sua Espôsa, estimando em mais consolar e animar os seus aflitos Diocesanos.

Sujeito de grandes letras e virtudes e de um reconhecido merecimento — o descrevem as Memórias daquele tempo.

Faleceu na ilha de Sant'Iago aos 8 de Maio de 1719²⁷.

(Continúa).

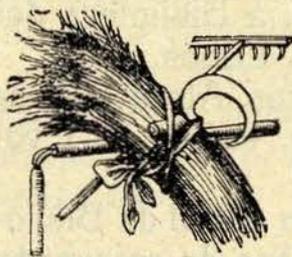
*

(Dêste assalto ou atáque à ilha de Sant'Iago, feito ou comandado, em Maio de 1712, por Jacques Cassard, general francês, dá importantes informações e documentos Sena Barcelos às páginas 187-225 do volume II dos seus *Subsídios para a História de Cabo-Verde e Guiné*. — P. P.)

²⁷ Veja-se o que diz a *Gazeta de Lisboa*, de 24 de Agosto de 1719: — «Segunda-feira (dia 21 de Agosto de 1719) se celebraram na Igreja dos Religiosos Terceiros de S. Francisco, no Convento de Nossa Senhora de Jesus desta Cidade, as exéquias do Rev.^m dom fr. Francisco de Santo Agostinho, Bispo da Ilha de Sant'Iago e de tôdas as de Cabo-Verde; faleceu no seu Bispado em 8 de Maio dêste ano com assistência de tôdas as Religiões e muita nobreza. Foi Ministro do mesmo Convento, Definidor de sua Religião, Capelão mór das Armadas Reais e sujeito de muitas letras e virtudes.»



Documentos históricos



TEMOS DEANTE DE NÓS ABER-
to o livro — «*Alguns Documen-
tos do Arquivo Nacional da Torre do
Tômb, à cerca das Navegações e Con-
quistas Portuguesas*» — que, em 1892,
foi publicado para comemorar o quarto
centenário do descobrimento da Amé-
rica. Cá está, às páginas 436 441, o Regimento dado por
El-Rei d. Manuel a Manuel Pacheco e a Baltasar de Cas-
tro, que foram descobrir o Reino de Angola. Tem a data
de 16 de Fevereiro de 1520.

Um dia, ainda se hão-de publicar na íntegra todos
os Documentos históricos de Congo, Angola e Benguela,
como estão fazendo presentemente os Brasileiros pãra os
seus, anteriores a 1822

Doações, cartas, alvarás, provisões, cargos, sesma-
rias — merecem a honra de nossos estudos e investiga-
ções, como se pode ver pela amostra que vai na frente
— *Funcionalismo de Angola*.

Na Chancelaria de d. Sebastião e de d. Henrique ape-
nas consta, no livro 26, às fôlhas 295-299, a Carta de

Doação das Terras de Angola a Paulo Dias de Novais, com a data de 19 de Setembro de 1571 ; e no livro 34, à fôlha 100, v., está registada a nomeação do mestre de campo general de Angola — Domingos Guarrucho.

Lisboa. Março de 1936.

Padre RUELA POMBO.

Manuscritos angolanos

Não deixa de ter muita vantagem para o investigador o conhecimento da propriedade ou herança dos Manuscritos, além da sua paternidade ou genealogia...

Aqui ficam algumas achégas relativas a Domingos de Abreu de Brito e a António de Oliveira de Cadornega.

O manuscrito número 950, de marcação vermelha, da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, contém o Catálogo ou Donativo de obras oferecidas, em Julho de 1795, pelo então bispo de Beja d. Manuel Cenáculo, à Biblioteca dos Frades do Convento da Terceira Ordem de Lisboa.

Entre as ofertas consta : — «Domingos Alves (sic) de Brito — História de Angola — a Filipe I, em 4.^o — 1 volume.» —

Analisando o Manuscrito 294 do Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa, vê-se que nas fôlhas de resguardo, no princípio, tem uma sigla que se pode interpretar — Ordem Terceira de S. Francisco, tendo o S virado ou às-avessas.

Na pasta do fim, do lado de dentro, está borrado o *ex-libris* — «Do Convento de N.^a S.^a» — ou frase parecida.

*

No mesmo donativo entraram as seguintes obras :

— *História de Vila Viçosa* por Cadornega, em fol., Original, 1 volume.

— *História de Angola*, em fol., Original, 2 volumes,

¿Quem ofereceria ao bispo Cenáculo êstes Manuscritos?

O «*Sumário e Descrição do Reino de Angola...*» de Domingos de Abreu de Brito foi, em 1931, publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, devido aos cuidados do ex.^{mo} sr. coronel Felner, que traçou à obra uma Introdução muito erudita.

P. P.

Alexandre Herculano... colonial

No ano lectivo de 1934-1935, o Sr. Dr. Laranjo Coelho marcou aos seus alunos do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, na Cadeira de Diplomática e Esfragística, a seguinte dissertação: — *Alexandre Herculano e a diplomática portuguesa. — «Portugaliae Monumenta Historica»: plano, divisão e análise dos assuntos.* —

Numa página, em que fizemos referência, no nosso modesto trabalho de investigação, a Herculano como político, não nos esquecemos de notar o discurso que o ilustradíssimo Historiador pronunciou na Câmara dos Deputados na sessão de 6 de Julho de 1840, relativo à questão da Guiné.

Vale a pena ler êsse discurso, repleto de patriotismo intenso e firme: vem publicado, em II edição, nas «Obras» de Luciano Cordeiro, I — Questões Coloniais, Coimbra, 1934, às páginas 648-662.

Herculano também informou a Lopes de Lima a existência, na então Real Biblioteca da Ajuda, de um códice que contém memórias manuscritas sobre as possessões ultramarinas.

P. P.

Funcionalismo de Angola

Como bem podem calcular os nossos Leitores, existem, em grande quantidade, nos arquivos e bibliotecas de Lisboa, Documentos relativos à História de Angola.

Os seguintes despachos e nomeações estão registados na Torre-do-Tômbo, na Chancelaria de Filipe II:

- Doação de chãos a Diogo Prestes.
- Doação de terra a Baltasar Rebelo de Aragão.
- Alvará para se entregár certos bens ao Bispo de Congo.
- Alvará de 80\$00 de ordinária ao Bispo.
- Cartas de capitão de Angola a Custódio Coelho de Sousa, a Gaspar Ribeiro, a Henrique de Magalhães, a Lopo Soares, a Manuel Ribeiro, a Miguel Brandão da Serra, a dom Pedro Rozales de Haro, a Pedro Tavares.
- Alvará de ordinária à Companhia de Jesus em Angola.
- Contratadores de Angola. — Alvará sobre os direitos dos Escravos.
- Convento de S. Francisco de Angola. Livro 29, fl. 224, v.
- Diogo Moniz da Silva, escrivão de defuntos e ausentes.
- Escrivães da Feitoria de Angola: Francisco de Alfaia Ferreira, Manuel Cardoso, Pedro Pinheiro, Baltasar Tavares e João Soares.
- Feitores de Angola: Duarte Dias, Francisco Carvalho Pinheiro, Francisco de Lemos e Salvador de Meireles.
- Governadores de Angola: Manuel Cerveira Pereira, dom Gonçalo Coutinho, João Rodrigues Coutinho e dom Manuel Pereira.
- Carta de inqueridor de Angola a Domingos Luís.
- Ouvidores de Angola: André de Morais Sarmiento, Diogo de S. Miguel Garcês, Manuel Ferrás Barreto, Manuel Vogado Soto-Maior.
- Mamosteiro-mór dos cativos — provisão a Sebastião Nogueira.
- Mamosteiro-mór dos cativos de Congo — Cosme Gonçalves.
- Marcadores dos escravos — Francisco Alfaia e Francisco de Sequeira.
- Meirinhos do mar: João Henriques e Jerónimo Gonçalves.
- Mestre de obras — Francisco Luís.
- Provedor — Regimento.
- Provedores dos defuntos e ausentes: António de Sousa, Francisco Rebelo Pinto, Jerónimo Fernandes Ferreira e Pedro da Silveira.
- Sargento mór: Vicente Ribeiro.
- Sesmarias: à dona Filipa Gonçalves, a Gonçalo da Costa, a João de Velória, a Pedro de Sousa e a Baltasar Rebelo de Aragão.
- Tabelião: Diogo de Andrade.
- Tesoureiros dos defuntos e ausentes: Francisco da Rocha, Henrique Dias e Pedro da Costa.

Nestas doações, alvarás, cartas, regimentos e cargos, aparecem nomes dos primeiros colonos portugueses de Angola: Baltasar Rebelo de Aragão, Manuel Vogado Sotomaior, João de Vilória, Manuel Ferrás Barreto, Duarte Dias...

Bibliografia angolana

Temos aqui à mão três livros publicados em Luanda, os quais pedem, se não a nossa crítica literária, ao menos uma referência delicada, como é de justiça :

— *Aiué!* — Cenas alegres da vida africana, por Pedro de Melo (Geremias Pacato). — Luanda, 1934. — Livraria Editora — *A Lusitana*.

Talento, inspiração e facilidade em escrever — tais são as qualidades que revela o Autor nestes assuntos, que ora trata a sério, ora à-galhofa, mas sempre com uma finalidade moral.

Em segunda edição, os *Modos de ver*, publicados, dia-a-dia, nas páginas de *A Província de Angola*, diário de Luanda, ainda conservam o seu humorismo objectivo e subjectivo, que é perpétuo, benfazejo e desopilante.

— *Corografia de Angola* — para o ensino primário elementar, por Costa Mendes, professor primário. — Luanda, 1935. — Tipografia *Mondego*.

Nestas 67 páginas o sr. Professor Costa Mendes apresenta um precioso compêndio elementar, obedecendo a todas as regras didácticas modernas : texto resumido, mas variado e completo ; quadros comparativos, ou de confronto, rigorosos ; mapas e gravuras, que prendem facilmente a vista e a inteligência das Crianças.

— *O Segredo da Morta* — Romance de costumes angolenses — por António de Assis Júnior — Luanda, 1935 — Livraria Editora — *A Lusitana*.

Embora, nestas 262 páginas, algumas dúzias delas sejam enfadonhas ou monótonas, o livro encerra muita psicologia, simples e mixta ou comparada.

Nas descrições tanto da paisagem angolana como de certos costumes, o Autor tem propriedade e inspiração e, por

isso, agrada muito a leitura dêsses quadros naturais e morais, que pinta e estuda, respectivamente.

Como é natural, gostei muito daquela viagem pelo rio Quanza : o Tômbo, Calumbo, o padre Lázaro, o «Bom-Jesus», Cacoba, Ságua, Caíngé do Pedro Gurgel, Muxima... — quantas recordações!!!

Regalei-me de rir com a cena ou surpresa do tal opíparo almôço, que foi comido no Dondo, de macaco guisado com quiabos e giboia assada com batatas fritas...

P. P.

O contrato dos Escravos, em
Angola, no ano de 1765

No volume manuscrito n.º 35, de marcação vermelha, da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, está arquivada a «Relação dos Contratos da Fazenda Real», com os preços das últimas arrematações, que tiveram em Lisboa:

CONTRATO EM ANGOLA

O Contrato dos Escravos do Reino de Angola foi arrematado em 1765, pelos seis anos que principiaram em Janeiro de 1766, em preço, cada um dêles, de 88.030\$000.

Porém removeram-se ao Contratador os últimos dois anos da sua Arrematação que se mandaram administrar por conta da Fazenda Real, e nesta mesma forma tem continuado até o presente.

Na verdade, à custa dos pretos de Angola se fez o Brasil: o seu clima e riqueza vencem, em confronto, o clima e a riqueza da zona africana.

P. P.



«DIOGO-CAÃO»

(Continuação)

63)

Com o maior prazer recebemos o número 4.º da terceira série da revista ilustrada de assuntos históricos angolanos «DIOGO-CAÃO», que, iniciada nesta província ultramarina, continua a ser publicada em Lisboa, mercê do devotamento do erudito sr. padre Ruela Pombo, que, com espírito patriótico nunca demais louvado, vulgariza a história de Angola, não fazendo «caixinha» ou monopólio das suas investigações e descobertas.

E tanto mais para encarecer é esta iniciativa quanto a publicação da revista é feita por puro espírito de estudioso, pois nela não entra qualquer vislumbre de interesse material, nem se apoia em qualquer subsídio. Manteem na o sacrifício do sr. padre Ruela Pombo com a ajuda dos seus leitores fiéis.

O sumário do número, que temos presente, é o seguinte :

O eco que em Angola teve a Revolução de 1820. — O agitador José Anastácio Falcão. — Vida do bispo d. Francisco de Soveral, sua feliz morte e trasladação. — Medicina Indígena Angolana. — Relação de sementes. — Os ossos de Salvador Correia. — Palavras amigas. — Despotismo velho e antigo. — A estrada à beira-mar, de Luanda à cidade de Moçâmedes. — Ruínas sagradas de Maçangano. — Angola... cubizada. — Política colonial da Ditadura-Salazar.

(Do bi-semanário *Notícias da Huila*, de 10 de Dezembro de 1935, a quem devemos, por sua propaganda, as duas centenas de bons Assinantes que temos no Congo-Belga).

64)

Esta revista ilustrada de assuntos históricos angolanos continua prestando eminentes serviços patrióticos.

Dirigida e quasi tôda escrita pelo padre Manuel Ruela Pombo, nela se notam aspectos de inegável valor, erudição, intensa e extensamente apoiada em documentações valiosíssimas, um disciplinado, independente e sugestivo critério histórico, noções profundas do nosso colonialismo, do verdadeiro e grandioso espírito do nosso Império.

Poucas vezes o labor da investigação tem obedecido assim ao culto da verdade e do superior amor-pátrio.

Poucas vezes o publicitarismo colonial assim tem compreendido a boa educação cívica e religiosa dos nossos colonos.

Diz-se ia o trabalho hercúleo e tenaz, dum intrépido mineiro, a explorar todos os filões que possam enriquecer e honrar uma grande Pátria que, à semelhança da velha Fenícia, se estende desde uma facha estreita do continente até ao coração da Africa, até ao sul da Asia, até às paragens da Insulíndia.

Esse mineiro, sacerdote como poucos — porque ser verdadeiro sacerdote é ser devéras militante — deve ter tido decepções e talvez desalentos na sua grande obra.

E' provável até que muitos acusem de secundário o seu trabalho, esquecidos de quanto êle é indispensável a quem se interessa por tudo que beneficia e ilustra o nosso Império.

Contudo, o padre Ruela Pombo não arreda pé do seu reduto.

Seleccionando com grande critério os seus colaboradores, nem o quebrantam fadigas nem o desarmam ignorâncias, perfídias ou indiferenças.

A revista «DIOGO CAÃO» — cada fasciculo com 32 paginas — mantem-se sempre à mesma altura, afirmando não só o valor religioso, patriótico e científico do seu illustre Director como as mais apreciáveis qualidades do publicista — linguagem clara, viva e vernácula, ironia sempre cristã em várias notas, bom poder expositivo e didactico sem empastamentos fatigantes e sem estéreis divagações

(Apreciação do consagrado publicista Sr. José Agostinho, na sua criteriosa *A nossa estante*, no diário *A Voz*, de 13 de Janeiro)

Nos números seguintes, além da continuação dos estudos relativos às Lutas Liberais, Frades Franciscanos e Guerras Angolanas, tencionamos publicar : o Relatório ou Relação da conquista das Pedras-Negras de Pungo-Andongo, em Dezembro de 1671 ; a notícia das festas da Aclamação de El-Rei d. João IV em Luanda, a 26 de Abril de 1641 ; Luciano Cordeiro — colonial ; os restos-mortais de Garcia Mendes Cas elo-Branco, um dos primeiros Conquistadores do Reino de Angola ; e vários outros assuntos repletos de interesse patriótico.

A nossa DIOGO CAÃO somente foi enviada a quem no-la pediu, como consta da correspondência que aqui temos em arquivo ; ora não poucas pessoas até hoje ainda não pagaram as assinaturas das I e II séries ; portanto, a partir deste número, já não será remetida mais a revista aos *caloteiros*, cujos nomes serão publicados no quadro-da-deshonra...

P. P.